

Experimentando o cuidado entre ativistas na educação feminista à Distância: pelas trilhas da Universidade Livre Feminista

Guacira Cesar de Oliveira e Ivônio Barros ()

A ideia de criar a Universidade Livre Feminista surgiu em 2008. Em 2009, a Universidade se concebeu feminista, antirracista e anticapitalista, se reconhecendo parte de um movimento libertário. Por isto mesmo, fomos buscar também nas experiências dos movimentos operários europeus, dos finais do século XIX, especialmente em França, Portugal e Espanha, a ideia básica para criá-la de forma autogestionária. Um desafio e tanto, que a Coletiva Dinamizadora segue processando dia-a-dia com quem participa da Universidade Livre Feminista, sua rede de colaboradoras, parceiras.

Há 9 anos atrás, quando a proposta da Universidade Livre foi lançada, a noção de cuidado entre ativistas, a qual este artigo se dedica, já estava delineada em um dos cinco objetivos que a norteavam:

utilizar as tecnologias da informação e da comunicação para criar e fortalecer laços de autoajuda e apoio mútuo entre mulheres e feministas, de tal maneira que possam continuar vivenciando formas de superação da opressão cotidiana operada pela sociedade patriarcal em todos os níveis da existência humana.

De lá prá cá, aprofundou-se o desafio de concretizar oportunidades para o cuidado entre ativistas no ambiente virtual. Buscamos amadurecer a experiência em diálogos e reflexões coletivas contínuas, sempre “pensando a educação feminista (inclusive a educação à distância - EaD) como instrumento de transformação social”.

Resultado de um processo bem intenso de maturação, em 2017, a Coletiva Dinamizadora da Universidade Livre Feminista, em diálogo com a sua Rede de Colaboradoras, sintetizou os princípios político-pedagógicos que a orientam, da seguinte maneira:

- *O entendimento do **conhecimento como construção coletiva**. Assim, não nos propomos a “ensinar” conteúdos, mas a compartilhar ideias, pensamentos e conhecimentos, construídos ou a se construir. Inspiradas pela filósofa feminista Françoise Collin, buscamos promover o encontro entre o “pensamento pensado” (já produzido e sistematizado – por meio de textos, livros, vídeos etc.) e o “pensamento pensante”, que é o nosso pensamento vivo, em elaboração. Entendemos que é este encontro que constrói novos conhecimentos, pela troca de ideias e de saberes, pela coletivização do pensar.*
- *O reconhecimento das **condições de vida das mulheres** (que precisam lidar com múltiplas jornadas de trabalho) e dos **diferentes contextos e realidades** em que as mulheres estão inseridas, tomando-as como objeto e/ou referência para a reflexão. Há o empenho das educadoras em dialogar com estas realidades e estimular as participantes a estabelecerem relações/nexos entre as questões debatidas nos cursos e os desafios enfrentados por elas no dia-a-dia.*
- *A valorização das **vivências e experiências cotidianas**, bem como do **conhecimento individual** (formal ou informal) de cada uma das participantes dos processos de formação. As “educandas” não são uma página vazia. São pessoas com conhecimentos e experiências diversas acumuladas ao longo da vida – mesmo quando curta –, sendo essencial trazê-las para o centro do processo educativo.*

- A opção por **técnicas e metodologias que facilitem a participação** de todas. Embora utilizemos frequentemente textos e vídeos, também fazemos uso de músicas, poesias, crônicas, como forma de **trazer o lúdico para o ambiente EaD**.

Tomar o **debate de ideias e posições** entre as participantes como elemento central dos processos educativos, na perspectiva de construir conhecimentos diversos, coletivos e colaborativos. Neste sentido, o **respeito mútuo** é fundamental, bem como a **abertura** para colocar seus pensamentos e também para acolher o pensamento das outras.

- **“O pessoal é político”**. Partindo desta premissa, buscamos criar um espaço de **acolhimento e troca**, em que as experiências, vivências, dúvidas e questionamentos de caráter **pessoal** podem ser objeto de partilha e de reflexão. Sempre com o cuidado de fazer isto dialogando com as questões em debate, para não perdermos os rumos das propostas educativas, mas sem deixar de acolher as demandas pessoais que podem ser problematizadas e coletivizadas.
- Criação de um **espaço de confiança**, de modo que todas sintam-se com **liberdade** de concordar ou discordar do que foi dito. Mas fazendo isto em forma de **diálogo/debate de ideias**, de **reflexão conjunta**. E nunca rechaçando ou desqualificando as ideias e posições diferentes das nossas.
- Para garantirmos um ambiente de confiança, **não é permitido** que os debates e/ou questões colocadas pelas participantes sejam copiadas e compartilhadas por meio de “printscreen” ou qualquer outro meio. Também não é permitido usá-los para fins de estudos, pesquisa, redação de artigos etc. Caso o conteúdo dos debates seja interesse de alguém para estes fins, deve ser solicitada a permissão direta às pessoas envolvidas.
 - A maturação e a definição (em 2017) destes princípios político-pedagógicos se deu simultaneamente ao desenvolvimento de uma série de encontros e reflexões sobre o autocuidado e o cuidado entre ativistas, promovidos pelo CFEMEA, nos brindando assim com uma possibilidade preciosa de ousar ir mais adiante na perspectiva do cuidado entre ativistas em ambiente virtual.

Nesta trajetória coletiva de repensar a metodologia para a Educação Feminista à Distância, a reflexão no âmbito da Universidade Livre sublinha também a perspectiva do autocuidado e cuidado entre ativistas para o processo educativo:

outra questão importante para as educadoras feministas no ambiente EaD é a capacidade de articular as dimensões objetivas e subjetivas da vida das participantes, numa perspectiva de cuidado e autocuidado no processo educativo. Isto exige a adaptação, para o espaço virtual, de práticas como a “observação atenta”, o “saber ouvir”, o “saber acolher”, desenvolvendo o aprendizado do “saber ler” as mulheres nas linhas e entrelinhas dos textos escritos nos fóruns de discussão.

E não há como compreender e sentir a outra, observá-la, ouvi-la, acolhê-la, lê-la se não for ouvindo, acolhendo, conhecendo a si mesma. Desde a nossa perspectiva, é impossível ensinar o que não se aprendeu, tanto quanto é improvável que se possa ensinar de verdade sem aprender muito.

Seja na dimensão individual entre mulheres que vamos nos constituindo como sujeitos das nossas próprias vidas, ou seja na dimensão coletiva entre sujeitos políticos feministas, o diálogo é indispensável à formação política feminista que desenvolvemos. A ação educativa na Universidade Livre Feminista se dá em terreno híbrido, mescla diferentes sempre norteadas pela estratégia movimentista feminista, antirracista e anticapitalista. Buscamos favorecer que as mulheres, seus corpos diversos, lugares, práticas, significados e discursos invisibilizados e violentados pela cultura hegemônica (eurocêntrica, colonialista, machista, misógina, racista, heteronormativa, capacitista, produtivista, consumista) sejam afirmados e reconhecidos. Como afirma Lilian Celiberti, valorizamos a *“pluralização do sujeito feminista”* que, para ela é

uma das transformações mais interessantes e desafiantes dos últimos anos, e habilita diálogos horizontais que há uma década eram impossíveis.

O diálogo não é só um ingrediente fundamental do método pedagógico, a capacidade de estabelecer uma ligação entre a equipe da Universidade Livre Feminista e a participante de um curso ou de uma atividade é condição fundamental para que ela permaneça na formação e tenha uma boa participação. Por este motivo, desde o primeiro curso que realizamos, o acolhimento foi a tônica de todo o processo, da inscrição até o final.

Observando a experiência formativa das participantes da Universidade Livre Feminista nos últimos anos e olhando os seus ambientes virtuais pela lente do autocuidado e do cuidado entre ativistas, percebemos que muitas vezes tal ambiente está instalado no *locus* da casa, moradia da família, espaço marcado por relações assimétricas de gênero, raça e etnia e eivado pelos conflitos delas decorrentes. Sob estas condições, a ativista feminista ao entrar no ambiente virtual da formação, sem dúvida, é pressionada pelas relações que marcam o espaço real da sua moradia. Aí, mais ainda que em outras circunstâncias, é impossível separar o pessoal do político. Como se permitir estar em casa e, por alguns momentos, mergulhar no ambiente virtual da formação política, ao invés de dedicar-se às tarefas domésticas? Como concentrar-se nas relações virtuais e deixar de atender, por alguns momentos, os apelos derivados de vínculos afetivos e sexuais? Como disputar o uso do computador e o acesso à internet com as outras pessoas que compõem o grupo doméstico? Como lidar na esfera doméstica com as dificuldades e ultrapassar as barreiras que impedem o acesso e a interação no mundo virtual?

Conquistar autonomia para decidir como usar o próprio tempo exige energia, determinação, e disposição de cada uma que se engaja nesses processos formação feminista online. As pressões externas (d@s integrantes do grupo familiar/doméstico) fazem emergir, nas ativistas, conflitos internos, gerando insegurança entre outros sentimentos. Para processá-los de forma proveitosa, respeitosa e também libertária, o autocuidado é um parâmetro importante, e o cuidado entre ativistas um suporte tão poderoso quanto afetivo.

Quando estamos nos espaços coletivos (trabalho, escola, movimento) do mundo real, estamos fora de casa e a fronteira entre a vida pública e a vida privada fica - até certo ponto preservada, afinal as mulheres estão sempre ultrapassando, infringindo esta barreira patriarcal, que só se presta à dominação. Em casa, quando uma mulher instala no seu espaço doméstico um ambiente virtual para a sua formação política feminista, de alguma maneira abre-se uma fenda na fronteira que separa o público do privado e a tensão gerada a partir da revelação dessa fresta estranha é inevitável. Mas ainda assim, devem nos servir de alerta tantas lutas, denúncias e estudos sobre o trabalho domiciliar e a superexploração da força produtiva e reprodutiva das mulheres, quando se sobrepõem tarefas além das domésticas/familiares no espaço da moradia.

A sobrecarga de trabalho e de responsabilidades às quais as mulheres estão normalmente submetidas significa um empecilho enorme à formação política feminista e aos estudos de uma maneira geral. Superar tal empecilho exige um esforço muito grande, especialmente se a participante do curso não está acolhida por um grupo ou pelo próprio sistema que oferece o curso. Por isso, a Universidade Livre Feminista, desde os seus primeiros cursos esteve empenhada em encontrar alternativas para superar essa situação.

Um caminho pensado foi o de estimular a criação de metodologias que mesclam as dimensões virtuais e presenciais e ampliem os momentos de intersecção entre ambas. Outro caminho é promover um sistema de suporte que leve fundamentalmente em consideração essas situações. Em muitos casos o acolhimento e o tratamento amigável evitam a desistência de várias participantes dos cursos da Universidade Livre Feminista, propiciam alguma participação, mesmo com a vida atribulada de muitas delas.

As horas necessitadas para a formação política feminista passam a compor e fazem crescer aquele conjunto de demandas (quase sempre insatisfeitas) das mulheres que, há muito reclamam tempo para o descanso, para o lazer, para o desenvolvimento dos seus próprios projetos profissionais e políticos, para a criatividade, o cuidado consigo mesma. É preciso cuidar para que o ambiente virtual encrustado no ambiente doméstico seja acolhedor e não motivador de exaustão da energia das mulheres, por urgências e premências contínuas.

Emocionalmente, esta é uma experiência exigente, tanto para a participante, quanto para as educadoras que estão na Universidade Livre. Para as educandas, implica assumir o próprio desejo de estudar, se formar e ir em busca de satisfazê-los, deslocar-se, confrontar-se em prol dos mesmos. Para a educadora, é importante ter consciência de que os vínculos afetivos criados no ambiente virtual podem constituir um suporte emocional importante para a mulher que está enfrentando individualmente essa peleja. Propiciar que ela se sintam parte de uma comunidade, pertencente pode fazer muita diferença. A individualidade desprovida de vínculos é muito frágil. O pertencimento, por sua vez, abre boa oportunidade para o diálogo, oferece alívio, segurança, autoconfiança. São estímulos para que a participante assuma a sua trajetória de sujeito e deixe cada vez mais para trás a condição de objeto a serviço dos outros.

Outra experiência muito comum na plataforma virtual de cursos e que também pode ser altamente exigente do ponto de vista emocional é a de superar os obstáculos tecnológicos. Se para algumas pessoas a conquista deste novo espaço pode ser muito instigante, cativante, para outras, se for uma experiência solitária, pode ser ameaçadora, fazer a pessoa sentir-se incapaz, fora do lugar e, em decorrência, ter uma participação silenciosa no processo do curso. A atenção oportuna da educadora e o contato singular, bem conectado com cada participante, abre o diálogo, dá apoio, estimula a curiosidade e o desejo de participar, é o melhor antídoto contra a desistência e a inibição.

É preciso ter em conta que o aprendizado, na escola tradicional aprende-se, desde os primeiros meses do ensino fundamental, a depender da professora ou professor, a aluna precisa repetir e não produzir por conta própria. Aprende-se que o certo é sempre aquilo que está sendo apresentado nos livros ou na palavra de quem “ensina”. A disciplina é aprendida como uma forma de obediência a padrões estabelecidos pela escola e pelas autoridades escolares. Nunca como uma forma de se auto-organizar e autorregular para chegar a um objetivo. As pessoas aprendem, por milhares de dias seguidos, a ir para um lugar (a escola) e que lá será tudo orientado a ela. Inclusive as tarefas escolares são feitas de tal forma que se aprende a repetir, a copiar, nunca a criar ou pensar por conta própria. Esse é o modelo adotado no Brasil. Quando uma pessoa se depara, na juventude ou na fase adulta, com uma realidade que lhe cobra ser diferente, ela encontra resistências em si mesma. Ou se vê como uma incapaz ou não tem instrumentos para lidar com essa nova realidade. A educação para a formação política feminista em ambiente virtual tem de considerar esse ônus pesado que as mulheres trazem da experiência escolar, para estimular (e não exigir, como pré-condição) disciplina, autonomia, ousadia, criatividade, curiosidade, organização e vontade para os processos de aprendizagem.

As barreiras à participação interpostas por múltiplas formas de opressão que as participantes da Universidade Livre vivem (racista, sexista, elitista, capacitista, etnocêntrica, xenofóbica, homo-lesbo-transfóbica etc) devem ser vencidas! Como reflete e demanda Natália Maria Machado (da Rede de Colaboradoras da Universidade), a inclusão de mulheres com deficiência nos desafia. Beth Ferreira, educadora feminista e integrante da Secretaria Executiva da Universidade afirma:

no campo do cuidado e autocuidado é da maior importância refletirmos sobre os passos e os aprendizados em relação à inclusividade das mulheres com deficiência. A gente vem fazendo isso desde

a última versão do Trilhas Feministas na Gestão Pública, em que tivemos algumas mulheres com deficiência, que nos fizeram mudar o modo de diagramar os textos, ou enviá-los para aquelas com deficiência de visão... Foi no curso Trilhas de 2016 que começamos a legendar os vídeos, para que as mulheres surdas pudessem acessar seus conteúdos (o que fizemos com todos os vídeos do curso sobre a Reforma da Previdência). E que agora, na terceira edição do "Feminismo com quem tá chegando", acho que vamos dar um salto, por conta da participação [como parceiras da iniciativa] do grupo Inclusivas, de mulheres com deficiência...

A dificuldade com a escrita é um outro limite que também diz respeito ao cuidado entre ativistas. Não é fácil comprovar, mas é patente a barreira que algumas das participantes, mesmo cursando ensino superior, enfrentam na leitura e expressão escrita do pensamento. Não é por falta de conteúdo ou do que dizer, mas provavelmente por certa timidez frente a um grupo que não conhecem que várias mulheres se abstêm de participar dos processos de formação em ambiente virtual. Entre as formas de comprovar essa suposição estão: criar mecanismos de expressão oral (via arquivo de áudio), maior contato entre a educadoras e a participante (com elaboração de relatórios consistentes por parte das educadoras) ou a criação de grupos mais próximos e com participantes já conhecidas entre si.

Há formas de minimizar esses problemas. E ao longo desses anos fomos atrás delas. Na parte da expressão e na participação, temos criado ambientes mais acolhedores e amigáveis para quem chega a nossa Plataforma. Mas ainda temos limitações dada a equipe tão pequena que temos para utilizar, por exemplo, arquivos de áudio. Do lado do material escrito, foi necessário investir mais na qualidade da produção material, com textos mais claros, repletos de exemplos e de facilitadores de entendimento, como figuras, fotografias, vídeos e infográficos. Melhoramos!

Estamos convictas que as trilhas que vimos percorrendo, podem nos ensinar muito mais sobre as pontes entre o virtual e o presencial, ampliar as trocas, fortalecer os vínculos afetivos e de pertencimento, aprofundar a experiência de cuidado entre nós, tão caros à formação política feminista e indispensáveis à maior consistência dos processos de Educação à Distância - EaD.